

CHIQUINHA GONZAGA, UMA MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO E A FORMAÇÃO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

CHIQUINHA GONZAGA, A WOMAN AHEAD OF HER TIME AND THE FORMATION OF BRAZILIAN POPULAR MUSIC

Angely Costa Cruz¹

RESUMO: O orbe social lastreado entre 1847 e 1935, época em q historiografica brasileira demonstrou que não existia as composições musicais genuinamente brasileiras, emergiu a , a compositora e musicista Chiquinha Gonzaga, nascida em 1847, a data do seu falecimento situa-se em 1935. A primeira maestrina do Brasil, despontou no cenário musical de seu tempo como um fenômeno popular e recordista de vendas. Retratada como uma musicista rebelde. O comportamento transgressor não parava de escandalizar a sociedade de seu tempo; passou a viver como musicista independente, tocando em lojas de instrumentos musicais, ministrando aulas de piano e disciplinas escolares, entrou também para o conjunto orquestral, “Choro do Callado”, do amigo e músico Joaquim Antonio da Silva Callado Júnior (1848–1880), aperfeiçoou sua técnica com o pianista português Artur Napoleão (1843–1925), enquanto estudava orquestração como autodidata, se tornou a primeira pianista (ou planeira de choro, forma pejorativa para se referir à músicos populares na época) e viveu intensamente a boêmia carioca nos teatros e em saraus musicais que reuniam os compositores e intelectuais da época. Assim, com liberdade criativa, nasceria a verdadeira compositora, e logo viria seu primeiro grande sucesso: a polca “Atraente”, que abriu alas para um imenso repertório musical, e para o desespero dos Neves Gonzaga também.

Palavras- chave: Composição. Musicista. Música popular brasileira.

ABSTRACT: The social sphere supported between 1847 and 1935, a time when Brazilian history showed that genuinely Brazilian musical compositions did not exist, emerged the , the composer and musician Chiquinha Gonzaga, born in 1847, the date of her death is located in 1935 The first female conductor in Brazil, she emerged on the music scene of her time as a popular phenomenon and sales record. Portrayed as a rebellious musician. The transgressive behavior did not cease to scandalize the society of her time; started to live as an independent musician, playing in musical instrument stores, teaching piano and school subjects, he also joined the orchestral ensemble, “Choro do Callado”, by his friend and musician Joaquim Antonio da Silva Callado Júnior (1848–1880) , perfected her technique with the Portuguese pianist Artur Napoleão (1843–1925), while studying orchestration as a

¹ A crônica “Rei Luiz do Sertão, a identidade nordestina e o São João”, de sua autoria foi publicada em 2017, na Coletânea “Chuva Literária” – “Uma Antologia de Autores Nordestinos”. Em 2010, o artigo: “Censura às HQs. Essa história não está no gibi.” foi publicado numa edição especial da revista Sapiência, informativo científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI), o artigo resultou da pesquisa de Graduação em Biblioteconomia, pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). As HQs, a literatura, a cultura nordestina, bem como o universo da narrativa e a teledramaturgia nacional, são focos constantes do interesse e pesquisa da autora. omo Bibliotecária Escolar do colégio Gláucia Costa em Timon- MA, coordenou o projeto: “No Teatro com Vinicius”, que culminou com a apresentação de um espetáculo, no Teatro do Boi, na capital do Piauí. Após Oficina de Texto Teatral em Teresina, com Isis Baião em 2017, escreveu a peça: “Dinheiro Na Mão é Vendaval”. O espetáculo estreou no palco do teatro Torquato Neto, Clube dos Diários, na capital piauiense. A mostra reuniu cinco espetáculos, e apresentou novos autores da dramaturgia piauiense. E-mail: lilicavalcanti@globo.com.

self-taught, became the first pianist (or *planeira de choro*, a pejorative form to refer to popular musicians at the time) and lived intensely the bohemian carioca in theaters and musical soirees that brought together the composers and intellectuals of the time. Thus, with creative freedom, the true composer would be born, and soon her first great success would come: the polka “Atraente”, which opened the way to an immense musical repertoire, and to the despair of Neves Gonzaga as well.

Keywords: Composition. Musician. Popular Brazilian Music.

INTRODUÇÃO

Numa época em que ainda não existia a música brasileira identificada como tal e nem uma indústria fonográfica, do disco, da reprodução de músicas como se conhece hoje, a compositora e musicista Chiquinha Gonzaga (1847–1935), primeira maestrina do Brasil, despontou no cenário musical de seu tempo como um fenômeno popular e recordista de vendas. Sua música encarregou-se de destacá-la num tempo e numa sociedade preconceituosos, que insistia em anular as mulheres, afinal o mundo era feito para os homens e não cabia a elas o papel de protagonistas.

Mas, como nos conta sua biógrafa, a pesquisadora Edinha Diniz, com a maestrina, a história que se escreveu foi outra. Ela nasceu Francisca Edwiges Neves Gonzaga, filha de um militar com uma mestiça (esta somente mais tarde aceita pela família). A pequena Francisca recebeu uma abrangente formação educacional, que incluía o estudo de música, ao mesmo tempo em que cresceu com as brincadeiras, canções de roda, cantigas de rua; ao som de polcas, maxixes, valsas e modinhas, participando com entusiasmo das festas domésticas e de tal forma que, no Natal de 1858, aos onze anos, apresentou sua primeira composição.

Graças ao desenvolvimento industrial, que marcou o período era comum a presença do piano na maioria das residências da Corte, assim como o estudo de música na família; ter um piano na sala de visitas era um símbolo de refinamento e status na época, e este foi o instrumento que acompanhou Chiquinha Gonzaga por toda a vida. No entanto, naquele período a família e a sociedade o desejavam somente como um divertimento, que as mulheres fossem apenas, comportadas pianistas do lar, para entreter os salões da Corte. Chiquinha Gonzaga não pensava assim e queria mais, queria dedicar-se à música, à pesquisa musical, à composição e para isso, precisava acompanhar de perto a movimentação artística de músicos e compositores, o burburinho musical, a boêmia carioca.

Esse comportamento “rebelde” a levou a caminhos contrários a seus desejos, pois não era comum mesmo, que uma mulher os tivesse na época. Assim, foi empurrada para a missão de casar e construir um lar. Não conseguiu. Foi infeliz no primeiro casamento, arranjado pelo pai e mais tarde, não suportou as traições do segundo marido, um antigo namorado da juventude. Nas duas ocasiões, mostrou seu temperamento forte e sua independência, preferindo a separação, sem se preocupar com o desprestígio social que teria a partir de então. Ficou somente com um dos filhos, e passou a viver de sua única e inseparável paixão: a música.

O comportamento transgressor não parava de escandalizar a sociedade de seu tempo; passou a viver como musicista independente, tocando em lojas de instrumentos musicais, ministrando aulas de piano e disciplinas escolares, entrou também para o conjunto orquestral, “Choro do Callado”, do amigo e músico Joaquim Antonio da Silva Callado Júnior (1848–1880), aperfeiçoou sua técnica com o pianista português Artur Napoleão (1843–1925), enquanto estudava orquestração como autodidata, se tornou a primeira pianista (ou planeira de choro, forma pejorativa para se referir à músicos populares na época) e viveu intensamente a boêmia carioca nos teatros e em saraus musicais que reuniam os compositores e intelectuais da época. Assim, com liberdade criativa, nasceria a verdadeira compositora, e logo viria seu primeiro grande sucesso: a polca “Atraente”, que abriu alas para um imenso repertório musical, e para o desespero dos Neves Gonzaga também.

O sucesso como compositora era crescente, mas Chiquinha Gonzaga queria e precisava atingir um maior público, aquele que lotava os teatros da Corte. Mas, uma mulher musicando uma peça teatral? Não entrava na cabeça de ninguém. Porém, ela foi à luta, defendeu seu trabalho e suas ideias com unhas e dentes e finalmente, conquistou seu lugar ao sol (ou no teatro). Foi com a opereta de costumes “A Corte na Roça” (1885), que Chiquinha Gonzaga se lançou maestra (ou melhor, maestrina e a primeira do Brasil). Foi necessário que a imprensa da época, criasse um novo termo, especialmente para ela. Com essa estreia, o teatro carioca se rendeu ao seu talento e a partir dela foram inúmeras as operetas, revistas, burletas, gêneros diversos. A maestrina, também introduziu o uso do violão nos palcos, instrumento até então marginalizado, utilizado somente pelas classes populares; a musicista levou uma orquestra de violões ao palco, e abriu as portas do teatro ao povo.

Dos teatros, a música era divulgada em toda a cidade por um outro “instrumento”, o assobio do público e assim, mais e mais partituras eram vendidas de porta em porta. Seu vasto repertório, composto de polcas, tangos, valsas, habaneras, quadrilhas, canções, schottisch, maxixes, romanzas, cançonetas, contagiavam o público nas ruas, salões, clubes, salas de visita, teatros, confeitarias e cafés. Chiquinha Gonzaga conseguiu levar a música popular aos mais refinados salões da Corte e aos poucos, consolidou a fusão da música europeia de salão, com os ritmos locais de origem africana, contribuindo definitivamente para a formação dos alicerces da música brasileira. A originalidade de suas composições chamava a atenção da imprensa, a maestrina era aplaudida pelo público, mas incomodava a sociedade burguesa, que não admitia ver uma mulher vivendo de seu talento e de forma independente.

Durante o governo Marechal Hermes da Fonseca (1855-1923) a primeira-dama Nair de Teffé (1886-1981), filha do Barão de Teffé (1837-1931), também surpreendia a sociedade da época com talento artístico para caricatura; foi cartunista colaboradora de vários veículos no período, com um pseudônimo e chamou a atenção quando, num sarau, ao lado de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946), no Palácio do Catete, executou ao violão o “Corta-Jaca”, um maxixe de Chiquinha Gonzaga. Sem dúvida um triplo ato de ousadia; pelo local, pelo instrumento utilizado e pelo ritmo apresentado: um maxixe. Uma das últimas evoluções do batuque africano antes do samba, a primeira dança urbana brasileira que também evidência, a influência do tango hispano-americano. Entretanto, o resultado do ousado episódio, foi uma raivosa manifestação de Rui Barbosa (1849-1923) no Senado Federal, que atacou o ritmo impiedosamente, definindo-o como a mais “vulgar e grosseira” manifestação musical do Brasil.

Assim, o evento pôs mais lenha na fogueira da intolerância contra Chiquinha Gonzaga, mas o certo é que ao longo da carreira, ela também musicou dezenas de peças teatrais nos mais variados gêneros: opereta, comédia, burleta, revista cômica, revista do ano, drama, zarzuela, ópera cômica, peça fantástica, mágica, drama lírico, peça de costumes e chegou a celebrar seu Jubileu Artístico como maestrina em 17 de janeiro de 1935. Contudo, foi o carnaval de 1899, que trouxe sua obra mais popular, quando compôs a marchinha rancho “Ô Abre Alas” para o

Cordão Carnavalesco Rosa de Ouro, num tempo em que bailes e cordões eram animados apenas com instrumentos; foi a primeira canção para o carnaval na história do país. E o sucesso foi tamanho, que atravessou décadas, se tornou um clássico do cancionário carnavalesco brasileiro, sendo incorporado à cultura nacional, e eternizando a compositora no imaginário popular do país.

Com uma trajetória artística bem sucedida, a compositora e instrumentista viaja para a Europa e suas composições chegam a diversas partes do mundo. No Brasil, ela também esteve à frente de todas as grandes causas sociais e políticas do período, como a campanha abolicionista e a republicana; passou também a preocupar-se com direitos autorais de compositores e dramaturgos, algo inédito no meio artístico até então e propôs a criação (de forma pioneira) de uma entidade para defender e arrecadar direitos autorais. A proposta foi bem recebida no meio intelectual e a nova entidade, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), foi fundada em 1917, e continua a funcionar no Rio de Janeiro. Sua biblioteca recebeu o nome da maestrina, que teve uma homenagem consagrada da instituição, em 1925. Lá ficou seu acervo pessoal. Em 2005, o Instituto Moreira Salles (IMS), firmou convênio com o SBAT e passou a manter sua guarda, sendo responsável por sua preservação, organização e difusão. Está abrigado na sede, no Rio de Janeiro. Na internet, no site da instituição, se encontra parte dele disponível ao público.

Portanto, Chiquinha Gonzaga foi a síntese da cidadã consciente de seus direitos (muito antes disso existir), a artista revolucionária e a mulher transgressora, uma mulher do século XXI em trajes do século XIX. A compositora, à revelia da sociedade ocupou o papel de protagonista de sua própria história, algo negado às mulheres de seu tempo e, como não poderia deixar de ser, se tornou (também) pioneira da emancipação feminina no país. Decidiu ser livre, artista e (embora esta escolha a tenha custado caro, socialmente falando), produziu uma extensa obra, considerada fundamental para a cultura brasileira; seu ímpeto criativo provocou o nascimento de uma música com identidade nacional. Por sua atitude pioneira, é reconhecida como a mãe da Música Popular Brasileira. Sua vida é um exemplo de obstinação, pois desafiou o preconceito, seguiu seu próprio caminho. Defendeu seu trabalho, sua paixão pela música e foi vitoriosa. Chiquinha Gonzaga deixou vasto repertório, mais de duas mil composições, e um aspecto marcante de sua

obra, é o diálogo fluente entre tradições musicais populares e eruditas, o que mostra sua versatilidade e olhar artístico, sensível e abrangente.

Na velhice recebeu homenagens e foi nacionalmente reconhecida. Todavia, as relações familiares não se alteraram favoravelmente à artista. Em detrimento de toda sua importância para a construção da música brasileira, e de sua inegável trajetória de sucesso, que ultrapassou fronteiras, sua história por muito tempo foi mantida em silêncio, numa tentativa de consagrá-la ao esquecimento, afinal era perigoso que outras mulheres seguissem seu exemplo. Até mesmo a própria família, que não a reconheceu como musicista talentosa e consagrada, encarregou-se dessa tarefa. Mas, felizmente todo o universo sempre pareceu conspirar a favor de Chiquinha Gonzaga, e foi seu jovem companheiro, João Batista Fernandes Lage (1883–1961), o único responsável pela guarda de seu acervo pessoal. Ele permaneceu ao lado da artista até sua morte, em 1935. Logo depois, o acervo foi entregue ao SBAT.

Mais tarde, em reconhecimento a seu valor e importância para o cenário musical brasileiro, seguiram-se vários trabalhos de pesquisa sobre a compositora. O primeiro partiu do sobrinho-neto de Chiquinha Gonzaga, o teatrólogo, escritor e compositor Geysa Gonzaga de Boscoli (1907– 1978), que lançou o livro: “A Pioneira Chiquinha Gonzaga”, em uma edição particular. Logo depois, em 1938, é a musicóloga, jornalista e folclorista Mariza Lira (1899–1971), que mostra interesse em pesquisar sobre a maestrina e lança o livro “Chiquinha Gonzaga, grande compositora popular brasileira”, um trabalho de caráter biográfico, numa época em que não era comum dedicar biografias a personalidades da cultura popular. O livro teve duas reedições: 1978 e 1997. Em 1977, uma homenagem diferente: a artista teve sua imagem desenhada para um selo comemorativo. E em 1999, a professora, advogada e bibliotecária Dalva Lazaroni lançou “Chiquinha Gonzaga: sofri e chorei. Tive muito amor”, que recebeu o Prêmio Lima Barreto (1881-1922), conferido pela União Brasileira de Escritores (UBE) e Academia Carioca de Letras, em 2000. Uma nova edição foi lançada em 2005.

Assim, aqueles que no passado, desejaram o esquecimento da maestrina, sequer poderiam imaginar o quanto repercutiria sua história, e que ao longo de décadas inúmeros e prestigiados eventos culturais, a reverenciariam país afora, e movimentariam a cena artística musical brasileira. Diversos músicos e cantores

contemporâneos se tornaram intérpretes de suas composições, em gravações instrumentais ou cantadas, reafirmando a qualidade de sua obra ao longo do tempo. Em duas ocasiões, também foi homenageada no carnaval por Escolas de Samba, no Rio de Janeiro; em 1985, pela Estação Primeira de Mangueira e em 1997 pela Imperatriz Leopoldinense. Para marcar os 150 anos de seu nascimento, a compositora voltou aos palcos cariocas em 1998, através do musical “Ô Abre Alas”, escrito por Maria Adelaide Amaral e em 2004, ela retornou à cena por meio do Núcleo Universitário de Ópera e Orquestra Filarmônica de São Paulo, que apresentou a burleta de costumes “Forrobodó”, uma das peças teatrais musicadas por Chiquinha Gonzaga, um dos maiores sucessos de toda história do teatro de revista do Brasil.

E a fim de continuar a manter viva a memória da compositora no país, a pesquisadora Edinha Diniz iniciou na década de setenta um longo trabalho de resgate documental, em torno da vida e obra da maestrina, lançando em 1984, o livro “Chiquinha Gonzaga: uma história de vida”, uma obra mais abrangente e que fechou algumas lacunas na trajetória de vida da artista; o livro teve versão revista e atualizada em 2009. Em 1999 foi a vez da TV que, também se rendeu a surpreendente história da compositora: a Rede Globo apresentou a minissérie “Chiquinha Gonzaga”; escrita por Lauro César Muniz, inspirada na vida da maestrina e nas obras de Dalva Lazaroni e Edinha Diniz, com direção geral de Jayme Monjardim. As atrizes Gabriela Duarte e Regina Duarte, foram suas intérpretes, na primeira e segunda fase respectivamente; foi a primeira minissérie da Rede Globo a usar o efeito digital de película antiga em imagens de vídeo da emissora.

A minissérie foi um episódio marcante, pois popularizou a trajetória desta artista revolucionária, para o Brasil de hoje, com grande sucesso; com a minissérie no ar as vendas de sua biografia triplicaram e as novas gerações em todo o país conheceram e se encantaram com a história da compositora. A produção foi vendida para diversos países. A Rede Globo também, através do Projeto Memória das Organizações Globo, hoje disponibiliza ao público todas as suas grandes produções em DVD, e uma delas é justamente a minissérie “Chiquinha Gonzaga”, lançada em 2008. Para quem viu é muito especial rever, para aqueles que não viram e ainda, pouco ou nada sabem da história e importância artística de Chiquinha Gonzaga, para

o país, vale a pena ver e se emocionar com uma belíssima história, um manifesto à liberdade, uma declaração de amor à música brasileira, e ao país.

A minissérie foi tão bem recebida pelo público que, dois músicos, os pianistas e pesquisadores Alexandre Dias e Wandrei Braga também a acompanharam e decidiram recuperar a obra da maestrina, através de um projeto: o Acervo Digital Chiquinha Gonzaga no site: www.chiquinhagonzaga.com/acervo/ – oferecendo ao grande público, pela primeira vez acesso à obra da compositora, numa iniciativa inédita de preservação da memória musical da artista. São mais de trezentas partituras já garimpadas pela dupla, que estão disponíveis gratuitamente (com exceção ainda das músicas compostas para peças teatrais). Com o acervo é possível constatar a espetacular versatilidade de Chiquinha Gonzaga, pela variedade de ritmos e gêneros presentes em seu trabalho. São: valsas, tangos brasileiros, cançonetas, polcas, fados, habaneras, romanzas, duetos, baladas, canções, marchas, peças sacras, serenatas, barcarolas, modinhas, gavotas, mazurcas, maxixes, lundus, quadrilhas, dobrados, choros...

Além disso, o site fornece também todas as letras das canções, nunca antes publicadas e as músicas são acompanhadas de notas informativas de sua biografia. O projeto foi selecionado pelo Ministério da Cultura, recebendo recursos da lei de incentivo à cultura e chegou à internet em 2011, com o apoio de diversos parceiros. O objetivo primordial do projeto é principalmente, resgatar a obra da compositora e levar ao conhecimento das novas gerações a importância de sua contribuição musical para o nascimento de uma música popular, especialmente brasileira. Na internet, é possível encontrar ainda diversos vídeos sobre a musicista e audições originais de suas músicas.

Na internet também, o designer, pianista e pesquisador Wandrei Braga, criou ainda o site www.chiquinhagonzaga.com que reúne informações sobre a artista e sua obra, utilizando como principal fonte a biografia Chiquinha Gonzaga: uma história de vida, de Edinha Diniz, 2009. Desse modo, em tempos de novas tecnologias e formas de comunicação, a sociedade atual também encontra a história da compositora, nas redes sociais. Assim, o país continua a reverenciar a maestrina, que também despertou o interesse da Academia; são inúmeros os pesquisadores que buscam analisar a artista e sua obra, com múltiplos olhares. O fato é que, Chiquinha

Gonzaga, uma mulher e artista popular, mal compreendida em seu tempo, hoje alcança o prestígio, a credibilidade de estudos acadêmicos e o reconhecimento das novas gerações.

E para confirmar sua importância e extraordinária contribuição ao universo musical brasileiro, em 2012, a presidente Dilma Rousseff, sancionou a Lei 12.624, que institui o dia do nascimento da artista, 17 de outubro, como o Dia Nacional da Música Popular Brasileira; uma justa homenagem a quem dedicou toda sua vida à música. Chiquinha Gonzaga, portanto, usou de coragem e ousadia, para transgredir regras estabelecidas para a mulher, e não permitiu que sua sensibilidade e talento artísticos fossem destruídos, pela intolerância. Ela abriu alas para passar. Sua história, é símbolo de empoderamento para todas as mulheres. Chiquinha Gonzaga, conquistou para sempre o seu lugar, um lugar especial na história da Música Popular Brasileira.

REFERÊNCIA

DIAS, Alexandre; BRAGA, Wandrei. **Acervo Digital Chiquinha Gonzaga**. Disponível em: www.chiquinhagonzaga.com.br Acesso em: 10 mar. 2013.

1327

DINIZ, Edinha. **Chiquinha Gonzaga: uma história de vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Chiquinha Gonzaga – Mestres da Música no Brasil**. São Paulo: Moderna, 2001.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Chiquinha Gonzaga**. Disponível em: www.ims.uol.com.br Acesso em: 17 mar. 2013.

LAZARONI, Dalva. **Chiquinha Gonzaga: sofri e chorei. Tive muito amor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, 541 p.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. **Dicionário da TV Globo - vol. 1: programas de dramaturgia e entretenimento / Projeto Memória das Organizações Globo** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Chiquinha Gonzaga: minissérie brasileira**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2008, 6 DVDs.

_____. **Memória Globo**. Disponível em: www.redeglobo.com.br Acesso em: 19 mar. 2013.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. Título. **Ironias da vida**. In: REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Ano 06, n. 65, fev. 2011.

SEVERIANO, Jairo. **Uma História da Música Popular Brasileira: das origens à modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2008, 499 p.

WORMS, Luciana Salles; COSTA, Wellington Borges. **Da República Velha ao fim do Estado Novo: maldito violão. Cap. 1** - In: Brasil século XX: ao pé da letra da canção popular. Curitiba: Nova Didática, 2002, 199 p.